

# IDEIAS VERDES

Não basta ser bonito e fácil de usar. Um bom produto de design agora precisa ter baixo impacto ambiental POR MÁRCIO ORSOLINI

**N**os anos 60, o designer austríaco Victor Papanek (1927-1999), radicado nos Estados Unidos, cunhou a expressão "cultura Kleenex" - uma referência à tradicional marca de lenços descartáveis - para resumir criticamente o comportamento da época: tudo era usado e depois jogado fora. Segundo ele, a sociedade não se importava com o lixo produzido nem pensava nas consequências negativas dessa atitude para o planeta. Papanek firmava-se assim como um dos pioneiros a levantar a bandeira da sustentabilidade, um conceito que hoje, cinco décadas mais tarde, é perseguido com afincos pela arquitetura, pela engenharia - e pelo design.

Você já deve ter ouvido falar em ecodesign; se não, pode apostar que vai ouvir a expressão muito em breve e por muito tempo. Trata-se do acréscimo de mais um pilar à definição de um bom produto do segmento. Se até então bastava que a peça aliasse beleza à funcionalidade, agora ela também precisa ser feita com materiais vindos de fontes renováveis e de baixo impacto ambiental. "É o design do futuro. As pessoas já perceberam que os recursos são escassos e que devemos pensar no meio ambiente. Não é uma moda passageira", diz a crítica e professora de história do design da Faap, em São Paulo, Adélia Borges.

Um exemplo da força dessa escola é a designer mineira Etel Carmona, à frente da rede de móveis de luxo que leva o seu nome. Trabalhando principalmente com madeira, ela foi a primeira brasileira a conseguir, em 1994, o selo do Conselho de Manejo Florestal, ONG criada em 1993 e presente em 75 países para incentivar o uso responsável das florestas do mundo. De sua Etel Interiores, só sai mobiliário confeccionado principalmente com técnicas artesanais. São móveis caros, mas que encontram uma demanda crescente, justificada em parte pelo carimbo verde que carregam. As peças de Etel estão nos mais badalados showrooms de Nova York, Londres e Amsterdã.

Além do consumo consciente, o reaproveitamento é outra postura valorizada pelo ecodesign. A paulistana Carla Tennenbaum achou literalmente no lixo a inspiração para suas peças. Em 1999, durante um passeio pelo bairro do Brás, em São Paulo, a então estudante de história se deparou com quilos e quilos do plástico etileno vinil acetato (EVA). "O material é colorido e muito versátil. Resolvi apos-



Poitrna Siri, da coleção 2009 da Etel Interiores. Madeira reaproveitada em benefício da natureza

tar nele", conta ela, que na época freqüentava um curso ministrado pelos designers Fernando e Humberto Campana, hoje os mundialmente famosos irmãos Campana. Desde então, Carla transforma as sobras do plástico - que teriam o aterro como destino - em material para pufes. Cortado em rodela, o EVA compõe as espirais da coleção *Cinética*, linha que lhe rendeu um prêmio da Unesco, em 2005. A técnica é duplamente sustentável: além de usar sobras do plástico, deriva de compartimentos encaixáveis, o que dispensa colas tóxicas que podem poluir o ambiente.

Os objetos de ecodesign, no entanto, ainda não dominam as prateleiras das lojas. A pouca variedade de alternativas de matéria-prima e o processo artesanal encarecem os produtos. "Precisamos, na verdade, mudar a mentalidade das empresas", explica Fábio Souza, diretor do Instituto de Desenvolvimento de Design Sustentável no Brasil (IDDS). Ou seja, o caminho ainda é longo, mas não tem volta. ■